

O CORPO COMO CENTRALIDADE PLURAL E COMPLEXA – LEITURA (AUTO)BIOGRÁFICA A PARTIR DO DIÁRIO DE PESQUISA

■ FRANCISCO VIEIRA DE OLIVEIRA

 <https://orcid.org/0000-0002-8463-2034>

Secretaria de Estado de Educação da Paraíba

■ JOAQUIM GONÇALVES BARBOSA

 <https://orcid.org/0000-0001-6296-4276>

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

RESUMO

Mediante fundamentos estruturantes centrados em um projeto de conhecimento pautado na história de vida e formação (Josso, 2010), com o auxílio do Diário de Pesquisa (Barbosa; Hess, 2010), este ensaio parte da problemática do encontro relacional e irreduzível entre a escrita de si e o corpo, seus afetos, sonhos, cansaços e limites. A proposta, então, é discutir e fomentar a construção de reflexões, por meio do encontro relacional e irreduzível entre a escrita e o corpo, compreendendo o movimento seminal e propositivo de nossa itinerância formativa, que se faz e se entretetece por entre caminhos, derivas e sumiços. Da escrita solidária e reclusa do Diário de Pesquisa, tornou-se possível empreender um movimento heurístico e relacional sobre a natureza e a arquitetura dos vínculos socioculturais, que, em princípio, pareciam distantes e inacessíveis. Assim, realizando um caminhar nômade e, sobretudo, atento às diferenças, aos conflitos e às contradições, foi possível, ao escrever, entrar em contato com o universo movediço e, até então, obscuro do corpo e de suas derivas e andanças existenciais, sob nova perspectiva. O texto que se apresenta resulta da reflexão elaborada a partir da narrativa do vivido como exercício de significação da própria história.

Palavras-chave: Corpo. Diário de Pesquisa. Narrativa (auto)biográfica. PIBID.

ABSTRACT THE BODY AS A PLURAL AND COMPLEX CENTRALITY – (AUTO) BIOGRAPHICAL READING FROM THE RESEARCH DIARY

Through structuring foundation scentered on a knowledge project based on the history of life and education (Josso, 2010), with the help of the Research Diary (Barbosa; Hess, 2010), this essay starts from the problematic of the relational and irreducible encounter between the writing of oneself and the body, its affections, dreams, tiredness and limits. The proposal, then, is to discuss and encourage the construction of reflections, through the relational and irreducible encounter between the writing and the body, understanding the seminal and propositive movement of our formative itinerancy, which is made and interwoven through paths, drifts and disappearances. From the solitary and reclusive writing of the Research Diary, it became possible to undertake a heuristic and relational movement on the nature and architecture of socio-culturalities, which, in principle, seemed distant and inaccessible. Thus, by making a nomadic walk and, above all, attentive to differences, conflicts and contradictions, it was possible, when writing, to get in touch with the shifting universe so far obscure of the body and its existential drifts and movements, under a new perspective. The presented text results from the reflection elaborated from the narrative of the lived as an exercise of finding a meaning in the subject's own history.

Keywords: Body. Research Diary. (Auto) biographical narrative. PIBID.

RESUMEN EL CUERPO COMO CENTRALIDAD PLURAL Y COMPLEJA LECTURA (AUTO) BIOGRÁFICA DEL DIARIO DE INVESTIGACIÓN

A través de fundamentos estructurantes centrados en un proyecto de conocimiento basado en la historia de la vida y la educación (Josso, 2010), con la ayuda del Diálogo de Pesquisa (Barbosa; Hess, 2010), este ensayo parte de la problemática del encuentro relacional e irreductible entre la escritura de uno mismo y del cuerpo, sus afectos, sueños, cansancio y límites. La propuesta, entonces, es discutir y fomentar la construcción de reflexiones, a través del encuentro relacional e irreductible entre la escritura y el cuerpo, entendiendo el movimiento seminal y propositivo de nuestra itinerancia formativa, que se hace y se entrelaza a través de caminos, derivas y desapariciones. A partir de la escritura solidaria y solitaria del Diálogo de Pesquisa, se hizo posible emprender un movimiento heurístico y relacional sobre la na-

turalidade y arquitectura de los lazos socioculturales, que, en principio, parecían distantes e inaccesibles. Así, al hacer un paseo nómada y, sobre todo, atento a las diferencias, los conflictos y las contradicciones, fue posible, al escribir, entrar en contacto con el universo cambiante y, hasta entonces, oscuro del cuerpo y sus derivas y vagabundeos existenciales, bajo nueva perspectiva. El texto que se presenta resulta de la reflexión elaborada a partir de la narrativa de lo vivido como ejercicio de sentido en la propia historia.

Palabras clave: Cuerpo. Diario de investigación. Narrativa (auto) biográfica. PIBID.

Abrindo a cena...

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.

(Nietzsche, 2014, p. 52).

De partida, mediante fundamentos estruturantes centrados em um projeto de conhecimento pautado na história de vida e formação (Josso, 2010), com o auxílio do Diário de Pesquisa (Barbosa; Hess, 2010), este ensaio parte da problemática do encontro relacional e irredutível entre a escrita de si e o corpo, seus afetos, sonhos, cansaços e limites. A proposta, então, é discutir e fomentar a construção de reflexões que, por meio do encontro relacional e irredutível entre a escrita e o corpo, compreendem o movimento seminal e propositivo de nossa itinerância formativa, fazendo-se e entretecendo-se por entre caminhos, derivas e sumiços. Desse modo, a vida tornou-se para mim um meio de quem busca conhecer: “Com este princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, *mas até viver e rir alegremente*” (Nietzsche, 2012, p. 191, grifos do autor).

Mas, afinal qual é o conceito de corpo que se assume para construir esse estudo (auto) biográfico?

O agendamento epistêmico que ancora o conjunto de nossos argumentos heurísticos sobre o corpo encontra na epistemologia do

corpo de Friedrich Nietzsche o seu ponto de ancoragem. Para Nietzsche, na Genealogia da Moral, todos os conceitos em que se resume uma larga evolução, são indefiníveis; só se define o que não tem história (Nietzsche, 2013, p. 77). Ora, Nietzsche não quis estabelecer o corpo como uma nova verdade, um novo conceito, pois, ao fazer isso, incorreria perder de vista a atividade do filósofo, como na metafísica tradicional, com a busca pela verdade. Em outros termos, o intento de Nietzsche era desmascarar o que se escondia por detrás das buscas de definir o que é o corpo na tradição filosófica (Moreira, 2006).

É, pois, coerente dizer que Nietzsche não quis colocar mais uma estrela no céu dos conceitos sobre o que era o corpo, pois, a concepção nietzschiana de corpo está para além de um engessamento conceitual. Com efeito, no Crepúsculo dos Ídolos, ao revelar a falta de sentido histórico como uma característica dos filósofos, Nietzsche destaca que tudo o que os filósofos manusearam há milênios foram múmias conceituais e que nenhuma realidade escapou viva de suas mãos: “Esses idolatras de conceitos, matam e empalham enquanto adoram – tudo corre perigo de morte quando adoram” (Nietzsche, 2013, p. 34). Mas, para o autor, o corpo se furta ao egípcianismo filosófico e não se permite apanhar.

Inspirado na epistemologia do corpo de Friedrich Nietzsche, o corpo não é aqui compreendido como um amontoado de órgãos. Tampouco pode ser reduzido a uma sede de sentimentos, afetos, emoções ou pensamentos, que surgem e se relacionam, segundo o modelo da consciência (Nietzsche, 2012).

Numa palavra, o corpo é aqui compreendido como um complexo de impulsos; um todo relacional, uma pluralidade dinâmica – biológica, psicológica, ética, estética, simbólica, quiçá, cósmica – em constante (trans)formação e mudança: “Eu mudo demasiadamente depressa – meu hoje contradiz meu ontem. Com frequência salto degraus quando subo, coisa que não me perdoam os degraus” (Nietzsche, 2014, p. 64). Isto posto, não podemos aqui dividir uma concepção de corpo a partir de um único ponto de vista, mas como um território de investimento de capitais biográficos e simbólicos, que produz efeitos inesperados diante das mesmas causas, expõe-se ao perecimento e a mudança, tornar-se aqui o vetor semântico pelo qual refletirmos sobre o mundo e as coisas e as relações fundantes.

De onde vim?

É importante destacar que conheci o Diário de Pesquisa por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no ano de 2014, exatamente no dia 31 de março, quando estava no quarto período do curso de Educação Física na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), em Pau dos Ferros, município brasileiro do interior do Estado do Rio Grande do Norte, principal cidade da região do Alto Oeste Potiguar, localizada a uma distância de 389 quilômetros, a oeste, da capital do estado, Natal.

O Professor Helder Câmara e a Professora Suênia Duarte, que, à época, coordenavam o

PIBID do curso de Educação Física da UERN/CAMEAM, foram responsáveis por me apresentar esse dispositivo formativo na/para a pesquisa em Educação. Posteriormente, conheci um dos defensores dessa prática formativa, juntamente com Hemi Hess, o Professor Joaquim Gonçalves Barbosa. O dispositivo em tela tornou-se crucial para a minha formação em Educação Física, pois, por meio dele, converti em escrita, em ato, aquilo que, cotidianamente, vivi na minha graduação.

Não poderia dar prosseguimento a essa reflexão sem, antes, apresentar um pouco de minha origem. Sou o filho caçula de Geraldo Franco de Oliveira e Francisca Vieira da Silva, ambos nordestinos, agricultores e alfabetizados tanto pelo universo de sabores, aromas e cheiros campesinos quanto pela ausência deles durante as estiagens, que tornam o solo seco e impróprio para o plantio. Ao longo da vida, os meus pais aprenderam que os únicos instrumentos capazes de propiciar a subsistência de uma família de forma digna e honesta eram a enxada, a foice e o machado. Nasci, portanto, envolto de um ambiente familiar no qual as referências de leitura e de compreensão do mundo não vinham dos livros, mas, sim, das histórias populares, das crenças, das poesias e dos contos repletos de valores da personalidade humana, que constituíam e constituem ainda hoje parte de quem sou.

Relacionado à minha infância, quero enaltecer, especificamente, o lugar que as estórias, contadas ao anoitecer, no sítio, representaram para a minha infância e qual o seu possível simbolismo para a minha formação enquanto pesquisador, pois compreendi, por meio das reflexões de Morin (2000), que o homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio. Acredito, com isso, que foi mediante essas estórias que se deu o meu primeiro contato com o saber não formalizado, isto é, aquele saber adquirido através de ges-

tos, narrativas, histórias reais ou inventadas, crenças, superstições populares e mitos disseminados culturalmente, dos quais, por vezes, não conhecemos muito bem as origens.

Foi no alpendre da casa grande do sítio, sob o céu repleto de estrelas, que aconteceu, de forma única para uma criança de seis (6) anos de idade, um mergulho sem precedentes em uma formação que, distinta do saber formal, privilegiava, subjacentemente, o desenvolvimento do pensamento simbólico, cognitivo, emocional e social. As histórias eram contadas, quase todas as noites e/ou entardeceres, pelos adultos, que pareciam maiores que o normal quando estavam reunidos sob aquela chama luminosa que emanava da luz da lamparina. Era um ambiente extremamente propício para a aprendizagem. A lamparina, mais que um recurso comum para minha família – composta por agricultores nordestinos, que viviam na/da roça e não tinham acesso à luz elétrica –, representa aqui um objeto simbólico.

Acredito que esses momentos foram essenciais para a minha iniciação. Noite após noite, mundos fantásticos passavam a existir em meu pensamento, quando escutava silenciosa e pacientemente as histórias com teores diversificados: a origem do mundo; as diferenças entre as pessoas; a existência de feras selvagens, seres mitológicos, como sereias, e homens que se transformavam em lobos ao vislumbrarem a lua cheia; tesouros misteriosos no fundo do mar; bruxas, fadas e princesas encantadas prisioneiras, em seus castelos enormes, esperando eternamente por um salvador. Todas eram contadas por minha mãe ou por outras pessoas, que, normalmente, vinham até a nossa casa e, por insistência minha e de minha sobrinha, acabavam cedendo a nossos apelos, presenteando-nos com mundos que, para duas crianças, eram simplesmente fantásticos e belos. Em minha compreensão, aquilo tudo funcionava quase como um ritual religioso.

Ficávamos quietos, escutando as histórias, e a chama vermelha da luz da lamparina, ao mesmo tempo que soltava noite adentro uma fumaça preta provocada pela combustão do gás, propiciava-nos um cenário encantador, em que nós nos perdíamos.

Foi nesse cenário que descobri um mundo fantástico, no qual não precisava dormir para sonhar; um mundo repleto de crenças e representações de modelos de seres humanos, sociedades, culturas e gerações, que fizeram e fazem parte da formação daqueles que me alegravam com suas histórias e que me ajudaram a formar a minha história. Contadas especialmente através de narrativas orais, em uma espécie de (auto)biografia do sertanejo, essas histórias foram importantes para o desenvolvimento de minha capacidade de abstração e pensamento, bem como para a minha capacidade de representação ou função simbólica. Os estudos elaborados por Piaget (1979) sobre a psicologia do desenvolvimento humano existem para explicar o processo de aquisição dessas capacidades.

Durante a minha formação em Educação Física escolar, na UERN, quando cumpri a disciplina “Desenvolvimento e Crescimento Humano”, no quarto período do curso, compreendi a importância que o brinquedo simbólico tem para o desenvolvimento estético e artístico das crianças. Representados aqui pelas histórias contadas por minha mãe, esses brinquedos me ajudaram a aprender, perceber e interpretar elementos que, de alguma forma, excediam a minha própria capacidade de compreensão do mundo. Nesse momento, a incerteza sobre os meus referenciais de compreensão do mundo e meu próprio pensamento passaram pelo crivo do estranhamento, da dúvida e do questionamento do motivo pelo qual as coisas são como são e não de outra forma (Chauí, 2000).

Nessa perspectiva, seria um erro desconsiderar a importância dessas histórias para a

construção tanto de minha compreensão e leitura do mundo quanto para a “iniciação” não consciente e intencional a que fui submetido por parte de minha mãe no mundo da reflexão e/ou da dúvida. No meu entendimento, esses elementos são essenciais para a formação de um pesquisador, pois, através deles, senti-me instigado a questionar o mundo, mesmo sabendo que muitas perguntas ficariam sem resposta. A título de exemplo, posso citar as indagações que fiz em alguns momentos, quando caminhava nas proximidades da casa onde residíamos no sítio, por entre a caatinga. Questionava-me sobre onde ficaria “o final do mundo” e o “que poderia existir depois dele”.

Com as histórias contadas por minha mãe ou outros adultos, fui instigado a pensar, entretanto, não existiu um espaço em meu ambiente familiar para que desse prosseguimento às minhas reflexões, de modo a aprofundá-las. Talvez o contato de uma educação formal pudesse me propiciar isso, o que demorou alguns anos para acontecer, visto que morávamos na zona rural e meus pais não podiam me levar à escola, pois não tínhamos transporte e a distância do sítio para a cidade era superior a 8 km. Eles também não me deixavam ir de ônibus, por medo de que algo acontecesse comigo na viagem. Diante de tais circunstâncias, iniciei meus estudos com quase 10 anos de idade, em 1999, quando mudamos para a zona urbana. Toda a minha formação escolar se deu em instituições públicas de ensino.

Em 1999, fui matriculado na Escola Estadual Leôncio Barreto pela minha irmã mais velha, Maria de Lurdes Vieira de Sousa, a pedido da diretora dessa instituição, que se sensibilizou quando soube que, nessa idade, eu ainda não estudava. A princípio, minha ida à escola gerou muito mal-estar e desentendimento entre minha irmã e meus pais, pois eles acreditavam que aquele não era um local seguro. Contudo, mesmo diante desse conflito, comecei a

estudar. Tive vários problemas com a minha permanência e assiduidade nas aulas, em decorrência de uma série de fatores, como, por exemplo, a falta de material básico para estudar, tais como lápis e caderno, e até mesmo vestuário para ir diariamente à escola. Também existia outro aspecto importante e que precisa ser considerado: o fato de não encontrar sentido na dinâmica das tarefas escolares, que me eram tão avessas. Isso se tornou um grande desafio cotidiano. Inclusive, essa dificuldade me obrigou a conversar com a minha mãe e pedir para que não me fizesse frequentar as aulas caso eu não me sentisse bem ou não tivesse vontade de ir. Essa situação durou, ao todo, quase os meus três primeiros anos escolares.

Assim, aos treze anos, ainda não conseguia ler e escrever e em meu histórico escolar já constavam três anos de repetência na primeira série do ensino fundamental, na Escola Estadual Leôncio Barreto. Por conseguinte, fui submetido a um processo de progressão continuada e inscrito, posteriormente, no ano de 2002, na segunda série do ensino fundamental. A partir desse fato, conheci a professora Elizabete Dantas, uma pessoa decisiva para o meu desenvolvimento no ensino fundamental, nos anos iniciais. Ela me ensinou que a vida “dá” certas oportunidades para mostrarmos o que temos de melhor e que temos que saber aproveitar muito bem esses momentos com compromisso e seriedade.

O resultado do convívio com essa professora, por três anos, foi um presente para a minha iniciação no mundo da palavra escrita. Ela foi a responsável por minha alfabetização e, também, a primeira pessoa na escola que me deu a oportunidade de me responsabilizar pela apresentação de um trabalho oral, o qual versava sobre o processo de constituição da chuva. Por mais que tenha sido apenas a memorização de um texto escrito, indicado por ela, fiquei muito

instigado com aquilo tudo. A apresentação foi rápida, em torno de 5 minutos, mas muito significativa para mim. Quando terminei, recebi elogios de algumas pessoas pela forma como me expressei. A professora Elizabete Dantas já faleceu há alguns anos, mas os ensinamentos que aprendi com ela respingam ainda hoje no meu modo de vida e na forma como me relaciono com os meus estudos.

Preciso acrescentar que quando apreendi a ler e a escrever percebi que a escrita poderia me ser útil de diversas formas, mas uma, em especial, se destacou dentre as demais, a crença de que por meio do ato escrito meus desejos afetivos poderiam ser realizados. Essa ideia surgiu a partir de uma conversa que tive com minha sobrinha. Eu sempre a observava e percebi que escrevia com frequência, às vezes, quase o dia todo, sobre alguma coisa em seu caderno, mas que não mostrava a ninguém. De fato, tudo aquilo me deixava inquieto. Certo dia, perguntei sobre o que ela escrevia e por que motivo guardava com tanto cuidado e zelo aqueles escritos. Ao saber que se tratava de uma escrita erótico-afetiva atravessada pela crença de que por meio do ato escrito, da revelação íntima e do desejo tornado em verbo, em letra, ele poderia se realizar, resolvi adotar como prática corrente essa escrita das emoções e dos afetos. Sendo assim, boa parte da minha adolescência foi tecida por entre escritos nômades sobre sentimentos confusos e calorosos por distintas garotas por quem me apaixonei. Nenhuma das minhas idealizações românticas foram concretizadas. Os escritos não me fizeram tomar uma atitude diante das garotas por quem fui apaixonado. Nunca consegui dizer a cada uma delas o que, de fato, sentia. Contudo, ao escrever essas pequenas confissões amorosas em meus cadernos, percebi que a angústia e o sofrimento provocado pela frustração das minhas idealizações se tornavam amenizados. Quando esses meus

escritos eram concluídos, sempre procurava o melhor local para poder escondê-los e, se não fosse possível mantê-los, rasgava-os e os atirava ao lixo, imediatamente. Muitos deles nunca foram entregues, mas jogados ao fogo e tornados cinzas. Minha mãe me falava que isso que eu fazia com eles não era o certo. Para ela, eu precisava ter mais cuidado com tudo o que escrevia e dar mais valor a todo esforço que dediquei por tanto tempo para aprender a ler e a escrever. Isso me fez lembrar que brinquei por muito tempo de escrever quando era criança. Minha mãe comprava um caderno e um lápis a cada dois meses para que eu pudesse brincar. Ler e escrever, hoje, é responder positivamente ao esforço simbólico feito por minha mãe a mim quando eu era criança. Talvez, isso possa justificar o meu gosto pela leitura e pela escrita atualmente.

No que se trata de minha formação escolar propriamente dita, cursei todo o ensino fundamental e médio em escolas estaduais, na cidade onde nasci, Alexandria-RN. Da 1ª a 5ª série do ensino fundamental (atualmente, 2º ao 6º ano do fundamental I), estudei na Escola Estadual Leônicio Barreto; da 6ª a 8ª (hoje, do 7º ao 9º ano do fundamental II), estudei na Escola Estadual Waldemar de Sousa Veraz. As 7ª e 8ª séries, em específico, cursei na modalidade de ensino supletivo de jovens e adultos, em uma turma no período vespertino. Da 1ª a 3ª série do ensino médio, estudei na Escola Estadual 7 de Novembro, concluindo esse nível de ensino em dezembro de 2009.

De posse do meu certificado de conclusão do ensino médio, concorri a quatro vestibulares, todos com inscrição para professor de Educação Física, mas somente consegui minha aprovação em 2012. Fiquei em quarto lugar, tanto na lista de aprovados na classificação geral do curso quanto entre os cotistas do Processo Seletivo Vocacionado (PSV 2012) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

(UERN), no *Campus* Avançado Profa. Maria Eliza de Albuquerque Maia (CAMEAM), na cidade de Pau dos Ferros/RN. Graduei-me por essa instituição de ensino no curso de licenciatura em Educação Física escolar, com colação de grau no dia 2 de fevereiro de 2017. No mesmo ano, concorri ao Mestrado Acadêmico em Educação por meio do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) dessa mesma instituição de ensino superior, *Campus* Central de Mossoró-RN, obtendo o título de Mestre em Educação com a dissertação “Corpo e Currículo na Educação Física: reflexões a partir da abordagem multirreferencial-plural”, aprovada com louvor no dia 3 de setembro de 2019.

O Diário de Pesquisa como recurso estruturante

Da escrita solidária e reclusa do meu Diário, tornou-se possível empreender um movimento heurístico e relacional sobre a natureza e a arquitetura dos meus vínculos socioculturais, que, em princípio, me pareciam distantes e inacessíveis. Por meio de um caminhar nômade e, sobretudo, atento às diferenças, aos conflitos e às contradições possíveis, pude, ao escrever, entrar em contato com o universo movediço e, até então, obscuro do corpo que sou e de suas derivas e andanças existenciais sob nova perspectiva.

Sob rasura, testemunho que com o Diário foi possível estruturar a arquitetura fundante durante a minha formação inicial de um modo outro de descrever, íntima e singularmente, as intempetividades, as transversalidades e as irredutibilidades das questões pertinentes ao universo singular/plural do corpo humano, de seus vestígios e educação.

Nesse veio, tornou-se possível abrir caminho para que se pudesse compreender a abundância, a multiplicidade e a exuberância tanto de práticas sociais quanto das formas de atuar

e de se mover em função da construção dessas práticas, que, justificadas por meio de narrativas de si e modos de ser, possuem consistência particular. Dessa maneira, postas sob relevo, tais práticas exibem situações minúsculas do âmbito do meu próprio microcosmo.

Ao fazer com que as minhas caminhadas autônomas se tornassem uma marca recorrente em minha itinerância formativa em Educação Física, pude me precipitar de forma errante e, às vezes, solitária, por um território fronteiro e, especialmente, familiar aos que se aventuram por uma formação do âmbito das ciências antropossociais e da Educação, como campo e, também, como processos instituintes da criação de saberes. Nesse sentido, fui buscar, por exemplo, nos estudos históricos, antropológicos, sociológicos e filosóficos os fundamentos heurísticos e relacionais que colocam o corpo e a sua educação sob perspectiva, além de me apoiar na descrição densa e intensa do meu próprio pensamento, fazendo-se e entretecendo-se por entre caminhos e suas hibridações possíveis.

Com esse nomadismo formativo, pude entrar em contato com o autor de *Assim falava Zaratustra*, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, conhecido como um dos mestres da suspeita ao lado de Karl Marx e Sigmund Freud. Um aspecto importante que preciso destacar de minha história de vida e de como os estudos da educação do corpo e dos afetos tornaram-se fontes fecundas e estruturantes para as minhas questões de pesquisa e formação, refere-se ao lugar que tenho dado à *epistemologia do corpo* em Nietzsche como fio condutor por meio do qual, em termos de interpretação, desdobram-se as minhas andanças formativas.

Ao aliar a leitura de Nietzsche e a escrita do Diário de Pesquisa, pude apreender uma escuta de natureza *sensível* dos meus escritos, das suas contradições e derivas, como também de todo o corpo que sou, vibrando e tecendo-se

por entre um movimento fronteiro, cheio de idas e vindas através da escrita de si e das suas relações tensas e intensas. Com a leitura dos meus escritos, foi possível exercitar o dizer *sim* à vida, às minhas fragilidades, ao meu “destino”.

O bálsamo que existe em não conceber nenhuma realidade etérea, especialmente sobre meu ser, poupa-me de um peso enorme. Vou tentar explicar melhor essa minha fala e para início de conversa digo que quando vivemos sob o julgo “direto” do crivo de uma esperança no “por vir”, “no amanhã” ou “no destino traçado”, feito especialmente para nós e com nossa marca isso acaba por nos “imobilizar” diante de nossos próprios compromissos com nossa vida.

Será possível crermos e confiarmos em uma “realidade transcendente” e mesmo assim termos maturidade existencial suficiente para sermos autores de nossa própria existência? Ou seja, termos consciência de que aquilo que fazemos de nós mesmo no hoje é o espelho do nosso futuro. O não “esperar” por esse “por vir” idealizado etereamente torna-se um novo guia para todas as nossas ações no presente. O texto começa a ficar subnutrido e as ideias já não têm a mesma força.

Acredito que o ímpeto nutritivo de meu pensamento inicial começou a se dissipar por caminhos não antes divagados. Mas aos poucos penso que na melhor das hipóteses o fato de não termos um bálsamo poderia ser resultado de algo mais grave. Uma prova de outro tipo de conforto, crença e de instinto no “por vir”, de uma idealização romântica que não passaria de mais uma “esperança” tardia no destino.

Destino esse embelezado, enfeitado, adornado por uma vida boa, onde até mesmo os dias ruins teria um doce gosto de paz, uma singela paz na alma por tanto tempo esperada. É esse pensamento romântico, idealizado e quiçá até mesmo cerne de meu ser que busco asfixiar, mas sinto que a cada dia ele se torna mais forte, enraizado e impregnado em meu corpo (Diário de Pesquisa, Alexandria/RN, 24/10/2017).

Ao empreender uma escrita dedicada à exposição da correspondência múltipla entre o corpo que sou e os seus aspectos afetivos e

emocionais saturados por valores da conduta humana, pude exercitar um modo outro de ser e de significar o corpo que sou e os seus encontros e desencontros cotidianos. Estes, tecidos por situações tensas e/ou minúsculas, me fizeram compreender que toda narrativa está implicada estrutural e profundamente por vínculos socioculturais específicos que circunscrevem a natureza e a singularidade de nossas relações fundantes.

Para este mês, de janeiro, resolvi tirar um momento, apenas, para as leituras que não consegui realizar no ano passado, mas algo se apossou de mim e, por um instante, senti que o fato de que sei ler e leio, continuamente, em voz alta, poderia provocar em minha mãe certo desconforto porque ela não aprendeu a ler; mas, mais que isso, senti que ao ler eu estaria de alguma forma provocando o surgimento de uma enorme angústia porque ela não pode sentir a alegria que me toca ao abrir um livro; ao entrar em contato com pensadores e filósofos que ela não os conhece.

O que me parece é que, vez ou outra, essa falta de delicadeza com minha mãe, ao ler em voz alta, corta-me por dentro e aquela alegria que encontro nos livros torna-se sofrimento. Sofro, porque dei um salto dentro de minha própria cultura e, por ter que conviver, intimamente, com a ideia ainda não confessa de que não aprendi a lidar com os outros e outras que não gostam de livros e leitura. Reitero, que não tive a oportunidade de aprender a leitura como um ato de ligação com a própria vida sob outra perspectiva. Vale ressaltar que a existência de minha mãe, por exemplo, por não saber ler, não é menos rica, existencialmente, pois com ela aprendi uma outra versão sobre o mundo da vida.

Toda noite ao entardecer, quando criança, ouvia silenciosamente as mais belas e singulares histórias e estórias que para uma criança eram coisas fantásticas. Os seus saberes são de outro tipo, talvez, por isso, mais singulares, mais cheios de vida, vida sentida na flor da pele. Lembro-me que ela quase sempre me comprava um caderninho e um lápis para que eu pudesse

escrever, mas como? Como escrever se eu não frequentava a escola? Tudo isso não importava, simplesmente, sentava-se com lápis e caderno entre as pernas e me punha a escrever. O que escrevia? Não importa, o que me importava era sentir que escrevia algo entre as linhas; de um valor único, uma criança com lápis e caderno em mãos pronto para brincar de escrever e de ler.

Talvez, justamente, por tudo isso que acabei de contar eu não deveria sentir angústia por ler na frente de minha mãe ou de alguém de meu meio familiar que não lê, afinal de conta são existências vibrando de forma e intensidade diferentes. Aprender a lidar com essas particularidades existenciais é uma atitude de valorização da vida e de seus afetos e emoções. Então, os livros que me aguardem porque eu os lerei com a força e o entusiasmo de uma criança de 6 anos que descobre um sonho (DP, Alexandria/RN, 06/01/2020).

Nessa perspectiva, tecido junto ao campo e aos processos de criação de saberes e fazeres pertinentes ao homem e à mulher nordestinos, agricultores ou roceiros, reitero que eles e elas, como atores e atrizes sociais, atravessam este ensaio como um todo implicado às manifestações e às irredutibilidades de crenças e cuidados silenciosos que laboraram a nossa vida com sentido e sensibilidade campesina. Nessa dinâmica, entre consensos e dissensos como também entre andanças e derivas, percebi que, enquanto ator social, sou educado por toda a realidade e por todos os objetos com os quais convivo, posto que cada um deles, com seus aspectos e contornos físicos e/ou simbólicos singulares, alimenta com sentido a arquitetura das nossas maneiras de ser e de atuar no palco das mais distintas cenas sociais.

Diante de tudo o que foi pontuado até aqui, devo assumir que falar sobre o corpo é tratar da centralidade da vida humana, suas representações, seus valores e contornos marcados por maneiras de ser, de atuar e de mover-se em relação ao mundo e suas derivas. De acordo com Nietzsche (2014, p. 51), todo o corpo é

uma “Grande Razão”: “Uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor”. Ou seja, o corpo é um universo privilegiado de investimento de capitais simbólicos, econômicos, políticos, sociais e biográficos que, ao mesmo tempo que é capaz de deixar evidentes os traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, pode mascará-los, escondê-los.

Saturado por signos, símbolos e valores tecidos em plena carne, o corpo é espaço fronteiro que divide o que é conhecido e, absolutamente, o desconhecido, marginal e/ou estrangeiro, sendo atravessado por sensações, por vezes, conflitantes, imprecisas e/ou ambíguas do prazer e da dor. Fundo original de nossa experiência, base do conhecimento e do saber, o corpo foi marginalizado e excluído ao longo de toda a história da Civilização Ocidental, por meio de explicações reducionistas construídas a partir tanto da narrativa filosófica tradicional disseminada pelo racionalismo científico, que o colocou sob suspeita, quanto do discurso cultural de inspiração mecanicista, que o fez uma máquina trivial e o submeteu às restrições de ordem epistemológica e conceitual. Esse mesmo corpo é, de modo atrevido, espantoso e surpreendente, capaz de dar mostras de seus sinais vitais ao criar atos de conhecimento e ao problematizar o próprio pensamento, fazendo-se e entretecendo-se.

“Imagem” marcante atravessada por ambiguidades e sensações e elo de ligação entre o homem e o mundo, o corpo, neste ensaio, apresenta-se por entre andanças, acontecimentos, lugares, imprevistos e palavras enveredadas por uma escrita de si desenvolvida e situada pela mediação da história de vida e, assim, pela forma como aprendemos a mover e a encenar o corpo que somos e nos tornamos para os outros e para nós mesmos.

A centralidade e a profundidade desse aporte teórico nos possibilitam compreender

que uma pesquisa nesses moldes não se limita a falar sobre o corpo, sua experiência e/ou formulações conceituais. Ao contrário, ela vive e representa o reconhecimento de um modo de ser e de tornar-se um corpo aberto à singularidade, à contingência e às intempestividades próprias dos processos formativos, situacionais e irreduzíveis do se fazer pesquisador em Educação. Nesses termos, ela desconfia dos excessos iluministas que promoveram, a rigor, o deslocamento da relação do corpo com o saber, tornando este um produto genérico e abstrato sob a proteção de um racionalismo insosso e estéril. Como movimento heurístico e relacional, a concepção de teoria que este ensaio fomenta é, assim, da ordem da prática do próprio pensamento, entretecendo-se de forma seminal e regenerativa. Asseguramos, com isso, que pensar, refletir, escrever e/ou ler é do âmbito das múltiplas relações fundantes que se inscrevem na trama e fecundidade da vida social por meio da correspondência entre corpos, lugares e palavras.

Em oposição à narrativa filosófica tradicional, aprendemos, com Nietzsche, a alimentar certa desconfiança quanto à racionalidade e ao purismo das ideias como centro único e irreduzível de nossas reflexões. A premissa, então, convencional de um caminho para o conhecimento de si, por meio da consciência, neste ensaio, está interdita. Todavia, encontramos no erotismo do conhecimento, nos afetos e/ou sentidos e nos seus testemunhos e desdobramentos um modo fértil de conhecer íntima e singularmente o ser humano: que é concebê-lo em sua totalidade, complexidade e pluralidade, por meio do seu corpo e de suas relações fundantes.

É dessa perspectiva, adotada por nós neste ensaio, que emerge um movimento rigoroso e singular de regresso e aceitação da provisoriamente, da contingência e da emergência como saberes e práticas (auto)formativos e regene-

rativos do se fazer pesquisador em Educação. Para tanto, realçamos, de pronto, o reconhecimento da importância do se manter um diário e do alargamento semântico e propositivo que emerge do ato solitário da escrita biográfica do corpo e dos seus afetos. Nesse sentido, formam-se os dispositivos heurísticos para se compreender o vivido, o experienciado e/ou o sentido com muito mais força, sabor e fruição da qual apresentamos alguns pontos provisórios.

O corpo como diretriz formacional

Para este momento, o constructo da minha fala toma como referência a paisagem da narrativa (auto)biográfica, entendida não como um curso da vida, mas como um *espaçotempo* no qual podemos construir as representações segundo as quais é possível significar nossa própria existência. É desse lugar da (auto)biografia que desejo falar sobre os momentos que constituem a matéria-prima de minha itinerância formacional, por isso, inconclusiva, histórica e relacional, implicada a vínculos socioculturais específicos que significam nossos modos de ser e de fazer. Sendo assim, entendo que jamais atingirei diretamente o vivido, mas apenas a sua representação narrativa, pela qual significo minha própria vida (Delory-Momberger, 2008).

Nesse contexto, mediante o ato escrito, especialmente aquele que se dá por meio do Diário de Pesquisa, torno-me o recitante de minha própria história de vida. Considero, para tanto, as tensões e os dilemas existentes entre os caminhos de difícil acesso, as mudanças, os imprevistos e os itinerários absolutamente familiares ou desconhecidos.

Ao fazer o corpo e a escrita produzirem modos de existência, Vivian Pontin (2015) expõe a preocupação de que a noção de articulação é extremamente importante para a construção de como falar do corpo, pois essa é não so-

mente a maneira como se é afetado pelas diferenças, mas também o modo como ela afeta aquilo que está sendo construído. Ser corpo é fazê-lo transitar e dar-lhe modos de expressão que o povoem. Especialmente na escrita de si, exige um procedimento minucioso, delicado e paciente, isto é, demanda prudência ao fazer o corpo e a escrita produzirem modos de existência (Pontin, 2015).

Os excertos do meu Diário de Pesquisa tornam-se, aqui, importantes recursos pelos quais procurei descrever para compreender (Macedo, 2016) uma sensação, um formigamento da minha existência singular/plural. Essa escrita não se resume à mera forma de exposição e descrição de um instante, de um conhecimento, mas se encontra relacionada à intimidade que se revela em texto, em ato, ao se abrir para uma escrita da sensação, do sentido e dos afetos que se dão no corpo.

Por esse viés, a escrita, neste texto, é compreendida como uma questão para e do corpo, aquele que é justamente, por exemplo, o terreno de aplicação e investimento de capitais biográficos e o vetor semântico pelo qual a evidência da nossa relação com o mundo é construída (Le Breton, 2006).

Universo infiltrado por signos, símbolos, valores, normas, modo de ser, que se traduzem no centro de nossas experiências sensíveis, dinâmicas e plurais, o corpo é o responsável por nos propiciar prazer, desejo e amor, sendo fonte de inspiração para poesias, romances e sonhos. Ele é o sustentáculo da existência humana, que divide os limites nos quais a experiência, no encontro com outros corpos como processo, vibra, sai dos trilhos e se balança em direção a distintos polos, inclinando-se e incomodando-se (Macedo, 2016). É com o corpo e por meio dele que nos apropriamos das significações da existência humana e as traduzimos para outros corpos, servindo-nos de sistemas simbólicos tecidos social e culturalmente.

Nesse caminho, de forma atenta, busquei enaltecer os possíveis lugares fronteiriços, marginais, isto é, as situações minúsculas e os elementos carregados de valor do comportamento humano que constituem os aspectos emocionais e afetivos, crescidos em um modo de ser através da escrita, como figura representativa da minha própria existência.

Foi necessário, então, evidenciar quais signos e símbolos laboram o encontro do corpo que sou com a escrita, fazendo transitar traços e pigmentos em plena carne, enveredada em um caminhar, por vezes, tortuoso. Para isso, tornou-se indispensável identificar como construí as minhas reflexões no Diário ou Jornal de Pesquisa (Barbosa; Hess, 2010). Segue abaixo um fragmento do meu Jornal, em que registrei, por ocasião de uma conversa, uma reflexão tensa sobre o modo como me movo por entre as discussões e proposições políticas, éticas e estéticas em meu círculo de amigos.

A trivialidade das minhas conversas cotidianas.

Diferentemente dos escritos anteriores, esta parte de um sentimento de angústia ocorrida hoje à noite, por causa de uma “conversa” com alguns amigos. Mas, o que eu poderia esperar de um diálogo com quem tem certa aversão à leitura, ao estudo e às práticas que dele são advindas? Penso que me exaltei porque ainda não aprendi a lidar com esse outro que me “fere” e trai as minhas concepções de vida.

Aprender a lidar justamente com todo aquele e aquela que discorda de meus posicionamentos, mesmo que esses, possivelmente, sejam coerentes para a formação de uma vida humana social e politicamente referenciada, é um exercício de humanização que se faz necessário em minha vida. Viver e dialogar, às vezes, com o que é intransigente é uma experiência rica que preciso ir lentamente exercitando em meu cotidiano.

Contudo, penso que em algumas situações muito pontuais se faz necessário que se evite ao menos iniciar determinadas conversas que ex-

cedam tanto a minha capacidade de lidar com o tema como de lidar com quem não entende a profundidade e complexidade das ideias suscitadas com ele. Nesse caminho, aprender a ler todas as impressões que me cercam na trivialidade das minhas conversas cotidianas é fundamental.

Falar sobre temas como, por exemplo, educação ou política exige e muito de quem se propõe ao debate. Como eu poderia exigir de quem não lê, não estuda e não pesquisa sobre esses assuntos uma conversa em profundidade sobre eles? Fui pueril ao exigir isso na conversa que tentei concretizar hoje à noite, mas, ao menos esse momento, serviu-me de aprendizagem.

Compreendi que a vida é muito curta para ser pequena e medíocre, para ser desperdiçada com estresse e tagarelice. Não que nós não precisássemos de momentos de ludicidade, não é isso que proponho, mas apenas digo que se faz necessária certa prudência no debate e, dependendo de quem são nossos interlocutores, precisamos saber lidar com a vida que nos excede. Viver é algo maravilhoso, mas precisamos aprender a lidar com a vida para que ela não se perca na seriedade e taciturnidade de encontros fortuitos entre adultos, mas que seja leve, prazerosa e poética, reinventando-se sempre que possível (DP, Alexandria/RN, 17/02/2019).

Destaco, dessa maneira, na intimidade das minhas narrativas, contidas nos excertos do meu *Jornal de Pesquisa*, uma vida, um modo de existir. Ressalto, por meio deles, fragmentos de história e formação, como também as rupturas e as traições que se fizeram necessárias diante de alguns momentos herdados do meu meio de origem para criar novos (Hess, 2004). Contudo, o que proponho como reflexão não é a pauta de uma lógica purista, como se fosse possível superar em absoluto esse pensamento dual e fragmentado que nos educou na duplicidade da realidade ao longo do tempo. Acredito ser possível perceber isso nos excertos de meu *Jornal*, especialmente quando evidencio certo maniqueísmo, ao dar destaque à fragmentação entre um saber que seria “bom”,

o qual viria do mundo dos livros e da leitura, e outro inferior, iletrado.

Na busca por deslocar os fragmentos do meu *Diário* e dar-lhes sentido, realço, ao longo deste ensaio, os fios que tecem uma narrativa errante e, por vezes, cheia de movimentos tortuosos e inesperados e de densas experiências existenciais. Por meio deles, procuro compreender os momentos que acredito terem sido fundamentais para que eu conseguisse entender em profundidade a intimidade de minha própria formação, descaracterizando-a de uma visão linear e fragmentada de começo, meio e fim.

Diante disso, o *Diário de Pesquisa* torna-se recurso e parte estruturante para o que nomeamos, juntamente com o Professor Duarte Junior (2000), de uma educação (do) sensível. Consiste na educação de nossos afetos, emoções e sentidos frente aos estímulos mais corriqueiros e/ou até triviais da nossa vida cotidiana, por meio da correspondência entre corpos, lugares e palavras enveredadas por modos de ser e de se fazer no e com o próprio corpo e as suas ressonâncias.

Construir um trabalho científico é um processo lento que demanda sensibilidade e paciência para as perscrutações e o amadurecimento das próprias ideias, que vão tomando corpo ao longo dos nossos escritos. Esse processo inclui idas e vindas ao texto que está sendo elaborado, como também leituras e releituras de artigos, dissertações e teses. Trata-se de um exercício solitário, cotidiano e persistente, em frente a pilhas de livros soltos sobre a mesa de estudo, com lápis e caderno em mãos, pronto para anotar os pensamentos nômades que, de vez em quando, surgem e, repentinamente, com a mesma velocidade, desaparecem.

Em outros instantes, o constructo elaborado é levado ao debate acadêmico, ou seja, submetido ao crivo do contraditório. Há mo-

mentos em que é refletido por outras pessoas necessárias para a sua construção, em eventos, encontros em grupo de pesquisa, seminários, discussões em disciplinas ou avaliação de periódicos. Nesse caminho, tomar nota, construir e manter um diário, apreender pensamentos marginais e elaborar um espaço de intimidade com a própria escrita referem-se a um processo, acredito eu, que se faz pertinente e solidário para todo aquele e aquela que deseja viver uma formação em profundidade.

Em face de tudo o que apreendi até aqui, revelo “o outro lado da lua”, uma versão marginal sobre as andanças e/ou caminhos tortuosos de minha itinerância formativa, por vezes, ocultada e cheia de sensações minúsculas que pulsam, vibram e reclamam insistentemente por serem escritas, pensadas. Falo de angústias, tristezas, falta de concentração, preguiça e covardia, mas também de instantes de euforia, desejo e prazer que se desdobram ao longo dos nossos caminhos formativos.

Escrever, existe uma maneira mais sublime que eu tenho para me encontrar?

Quando eu era criança e não sabia ler tinha vergonha de me aproximar de algumas pessoas!

Mas, eu conseguia me posicionar entre tantos outros, talvez eu tivesse uma facilidade maior que os demais.

Entretanto, durante a minha adolescência, perdi essa capacidade tão espontânea de me posicionar, o que será que aconteceu nesse intervalo de tempo para que eu tenha perdido essa espontaneidade? (DP, Alexandria/RN, 25/06/2015).

Ferreira (2014), propôs ver o corpo como o aliado mais poderoso na experiência misteriosa da vida humana, usando para tanto os seus sonhos pessoais como marcas das revelações do seu próprio caminho de busca e dialogando somática e simbolicamente com suas imagens. Essa autora transfere o valor do símbolo na imagem para a linguagem do corpo, apro-

ximando o que parece distante. Disponibiliza, dessa forma, a mais sensível visão dos sonhos para seu sonhador. Provocado pela leitura de Ferreira (2014) sobre o corpo, busco tecer uma escrita que atravessa o meu próprio corpo. Para tanto, ressalto que aprendi a ouvir outra versão sobre as histórias humanas, tracejando uma escrita na intimidade com meu próprio diário, e não nos sonhos, como fez a autora.

Destaco, então, que falar sobre escrita é falar sobre o corpo que se põe a escrever. Compreender isso é romper com as certezas de um fazer científico unidimensional e disciplinar, o que por muito tempo induziu a uma compreensão fragmentada do corpo, destituída de seus aspectos sensíveis, como se eles não fossem marcas da revelação do que é humano. Isso posto, acredito que buscar compreender o que acontece nos bastidores da produção de um trabalho científico é tentar encontrar respostas para as seguintes questões: que dilemas e contradições o pesquisador em formação enfrenta? Quais angústias são expressivas no momento de escrever o seu trabalho? O que o incomoda e tira o seu equilíbrio nesse caminho? O que o faz perder o sono? Como ele lida com essas questões e com o cumprimento das demandas de sua formação e sua própria saúde nesse caminho? Esses são aspectos que procuro realçar por meio da minha própria escrita.

Apresento as questões acima evidenciando-as, inicialmente, como responsáveis por impulsionar-me a escrever esta seção, reveladora dos bastidores do palco da minha própria formação. Ressalto que não procuro, aqui, elaborar um modelo fixo de como se poderia organizar a vida intelectual de um pesquisador em formação. Não se trata de construir tabelas e seguir receitas e paradigmas que possam servir para outras pessoas. O que pretendo é revelar os andaimes, os cacos, os entulhos e os excertos que possivelmente seriam descartados da construção final de um trabalho

científico, como possibilidade de apreender profundamente minha própria experiência na pesquisa em Educação.

No mesmo instante em que isso acontece, a opção que fiz pela utilização do *Jornal de Pesquisa* como dispositivo capaz de objetivar meu próprio pensamento e depois subjetivá-lo, através da sua subsequente leitura, em distância, dá-me a segurança e a estabilidade necessárias para redimensionar ensaios, atitudes e comportamentos em frente ao universo singular/plural da pesquisa em Educação. Destarte, a escrita, nesse caso, foi o recurso que me possibilitou articular sensivelmente uma forma de intimidade e de sensação de acesso à minha própria vida e às suas relações fundantes com o mundo e suas ressonâncias.

Devo salientar, no entanto, que o *Diário de Pesquisa* não se trata de um espaço destinado à mera descrição do cotidiano, mas onde reflito sobre o modo como me relaciono com as pessoas e com o meu próprio pensamento, fazendo-se e se (entre)tecendo, a rigor, nos domínios da razão, dos sentimentos e das emoções.

Creio que, por meio do *Diário de Pesquisa*, posso, sempre que oportuno, lançar mão de um olhar plural sobre o meu próprio modo de ser corpo e de fazê-lo transitar em meu ambiente familiar. Essa prática de descrever para compreender (Macedo, 2016) o próprio pensamento se fazendo (Morin, 2000) tem me proporcionado uma nova maneira de atuar e sentir o mundo e os seus desdobramentos.

Por meio da escrita e leitura cotidiana do meu *Jornal*, percebi que, assim como é o nosso processo formativo – dinâmico, provisório e regido por incertezas – é a nossa vida e que ambos não são dissociados. Com o aprofundamento e a leitura instigados através da escrita, compreendi que não somos totalmente regidos por uma suposta “natureza” imutável, de cunho determinista, das condições humanas.

Pelo contrário, somos seres históricos e culturais e, como tais, complexos, plurais e (in)conclusivos. Com efeito, não existe determinismo naquilo que constitui o humano e, assim como nas nossas relações, somos instáveis, paradoxais e dinâmicos.

As histórias que escutei quando criança, no sítio, por mais que tenham produzido certos estereótipos sociais, serviram não somente como (re)produtoras das condições de uma realidade pautada na hegemonia das superstições e dos mitos, mas também como um constructo que me ajudou a perceber e interpretar elementos que, de alguma forma, excediam ou estavam fora do próprio limiar de compreensão. Esse foi o momento em que surgiu, em mim, a incerteza, e vale ressaltar que a incerteza é diferente da ignorância, “porque, na incerteza, descobrimos que somos ignorantes, que nossas crenças e opiniões parecem não dar conta da realidade, que há falhas naquilo em que acreditamos e que, durante muito tempo, nos serviu como referência para pensar e agir” (Chauí, 2000, p. 111).

Nessa fase, em que o recurso bibliográfico, preponderantemente, serão os fragmentos do meu *Diário*, sinto que cada passo a ser dado carece de um cuidado e uma atenção outra que se torna o elo entre uma vida e um modo de existir corporalmente. Contudo, mais do que um apego ao corpo como forma de pensar a vida, o que busco é refletir sobre ela por meio do encontro relacional e irreduzível entre corpos, lugares, palavras e fragmentos que se engendram, mergulham, rebolam e dele participam (Pontin, 2015).

A seguir, apresento excertos do meu *Diário* na tentativa de significar uma narrativa outra de vida e educação (do) sensível, que se revela em ato de conhecimento e do meu não saber com suas proposições relacionais e irreduzíveis. Seguem, pois, em uma espécie de articulação frente ao universo singular/plural deste

ensaio, reflexões de diferentes naturezas, tecidas em uma escrita que atravessa o próprio corpo que afeta e se deixa ser afetado.

Notas furtivas e provisórias sobre minha introdução.

Ao reler a introdução ou apresentação do meu texto da qualificação, percebi, dentre as várias coisas que comentei, especialmente uma, em particular, que me preocupa seriamente. Talvez ela seja justamente a peça que me faltava compreender para que meu trabalho se torne mais coerente na apresentação, organização e proposição do debate científico, tendo como mote de reflexão o corpo. Penso que preciso perscrutar com maior intimidade as vozes que sussurram dentro do meu texto, em cada linha, palavra, expressão ou jogo de linguagem, para dar-lhe dinamicidade e movimento.

Ler intimamente como as ideias estão colocadas, suas sequências, seus possíveis desvios e contradições, é uma tarefa que me obriga a ter um novo modo de me relacionar com minha própria escrita, sua cadência e ritmo.

Aprender a ler a intimidade do meu próprio pensamento, isso é o que preciso fazer. E com isso, talvez, eu possa perceber que concepção de corpo se revela através de meu discurso (DP, Alexandria/RN, 19/03/2019).

Cada fragmento, excerto e retalho de reflexões surge de momentos, às vezes, tensos, outros alegres, mas que, sobretudo, germinam do modo como me relaciono comigo mesmo e com minhas demandas complexas e infinitas do se fazer pesquisador em Educação, por meio da escrita do Diário de Pesquisa.

Uma palavra a mais...

A vida cotidiana, antes de ser criticada, precisa ser compreendida e afirmada, pois é o lugar onde o indivíduo, usando de astúcia no confronto com a rigidez dos poderes instituídos, resiste de modo flexível, por meio do jogo duplo e da vontade de viver.

Bárbara Sicardi (2000, p. 56)

Nesses excertos indisciplinados, por vezes incoerentes entre si, o que está em jogo não é apenas a forma de me portar diante do mundo, mas também, mais do que isso, é uma maneira sensível de sentir e de mover-me diante dele. Com esse movimento relacional, a escrita me levou por caminhos que me guiaram a lugares outros e, desse modo, atravessei todo este ensaio por entre caminhos e derivas. Por meio do ato de descrever para compreender, tornou-se possível significar andanças, acontecimentos, lugares, imprevistos e palavras enveredadas por uma escrita de si desenvolvida e situada pela mediação da história de vida e, assim, pela forma como aprendemos a mover e a encenar o corpo que somos para os outros e para nós mesmos. Como centralidade da vida humana e universo privilegiado do contato com o mundo, passível de investimento de capitais econômicos, políticos, sociais e biográficos, o corpo, ao mesmo tempo que é capaz de tornar evidentes traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, pode mascará-los, escondê-los.

Por fim, com o presente ensaio, propus-me a apresentar este exercício *elaboracional*, se posso assim denominar, sobre o vivido no percurso de minha itinerância formativa desde a infância, alfabetizado aos quatorze anos, passando por uma graduação em Educação Física, em especial, como participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, respectivamente, do quarto ao oitavo período do curso de licenciatura (2014-2016), até a realização do Mestrado em Educação (2017), a partir do encontro com ideias aprendidas e apreendidas nos textos lidos e relidos, estabelecendo assim diálogo outro entre os conteúdos mais internos e as ideias que surgem dessa (com) vivência com os autores lidos, parceiros de caminhada, com destaque para este entrelaçamento em minha história de vida contada e recortada, fazendo uso do recurso denominado Diário de Pesquisa.

Referências

- ARDOINO, Jacques. Abordagem Multirreferencial (Plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. Revisão da tradução Sidney Barbosa. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 23-41.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **Autores-Cidadãos: a sala de aula na perspectiva multirreferencial**. São Paulo: São Bernardo: EdUFSCar, EdUMESP, 2000.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.
- CHAUI, Marilena de Sousa. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do corpo: da Renascença às luzes**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CALOMENI, Tereza Cristina B. Breves notas sobre a crítica nietzschiana da consciência e da linguagem In: **Cadernos Nietzsche**. v. 28, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/articula/view/7770/5311>> Acesso em: 27 jul. 2024.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Prefácio de Pierre Dominicé. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luiz Passeggi. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, São Paulo, 2000.
- FERREIRA, Adriana de Sousa. **A Via Imagética e Onírica na Construção de um Corpo Inteiro**. 2014. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- FONTANELLA, Francisco Cock. **O Corpo no limiar da subjetividade**. 1985. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.
- GUEDES, Claudia Maria. **Corpo: tradição, valores, possibilidades do desvelar**. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- HESS, Remi. A teoria dos momentos contada aos estudantes. **Educação & Linguagem**, São Paulo, ano 7, n. 9, p. 26-44, jan.-jun. 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. 2. ed. rev. e ampl. Natal: EDUFRRN: São Paulo: Paulus, 2010.
- LACAZ, Cristiane Pessôa. **O corpo (in)visível nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez: Brasília: UNESCO, 2000.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MOREIRA, Adriana Belmonte. **Corpo, saúde e medicina a partir da filosofia de Nietzsche**. 2006. 95p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos, ou, como se filosofa com o martelo.** Porto Alegre: L&PM, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Francisco Vieira. **Corpo e Currículo na Educação Física: reflexões a partir da abordagem multirreferencial-plural,** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Da crítica de Nietzsche ao sujeito de sua crítica. **Cad. Nietzsche,** Guarulhos/Porto Seguro, v. 39, n. 1, p. 93-119, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cniet/v39n1/2316-8242-cniet-39-01-93.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

PIAGET, Jean. **O estruturalismo.** 3. ed. São Paulo: Difel, 1979.

PONTIN, Vivian Marina. Fragmentos e movimentos mínimos: encontros entre escrita e corpo. 2015. **Tese** (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? *In:* SOARES, C. L. (org.). **Corpo e história.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

SICARDI, Bárbara Cristina. A ação docente dentro da instituição escolar sob a ótica da multirreferencialidade *In:* BARBOSA, J. G. **Autores-Cidadãos: a sala de aula na perspectiva multirreferencial.** São Paulo: São Bernardo: EdUFSCar; EdUMESP, 2000. p. 55-63.

Recebido em: 30/12/2024

Revisado em: 15/08/2025

Aprovado em: 30/09/2025

Publicado em: 10/10/2025

Francisco Vieira de Oliveira

Professor de Educação Física da Secretaria de Estado de Educação da Paraíba. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC-UERN) e Doutorando em Educação Física no Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF-UFRN). E-mail: francisco_slipknot@hotmail.com

Joaquim Gonçalves Barbosa

Professor Aposentado pela UFSCar/ Dr. Em História, Política, Sociedade, pela PUC/SP. / Autor da obra “Diário de pesquisa” e em parceria dos livros “Jacques Ardoino & a educação e Pedagogia universitária: A escola de Paris 8 em Ciências da educação”./ Estudioso da Abordagem multirreferencial no campo da formação, da gestão educacional e da pesquisa. E-mail: joaquim.barbosa60@gmail.com